

APELIDOS EM CAMPO: UMA ANÁLISE NO DISCURSO DA DESIGNAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO

Danielle Constantino de Lima

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: daniconsta@hotmail.com

Resumo

No discurso observamos a relação da língua com a ideologia e como ocorre a produção dos sentidos nos sujeitos. O ato de atribuir apelidos determina e é determinado pela posição-sujeito assumida na formação discursiva. Esta pesquisa teve como objetivo analisar o deslocamento e como se constituem os sujeitos designados por apelidos, em um time de futebol da zona Sul de Porto Velho/RO. Tomando como material de análise questionário aplicado sobre a origem de seus apelidos e buscamos suporte teórico-metodológico na Análise de Discurso de orientação francesa (Pêcheux, 1969 e 2008) e nos estudos de Guimarães (2003 e 2005) sobre a enunciação, acontecimento e designação. A partir disso, vimos que os nomes/apelidos que o sujeito assume durante a sua vida têm uma historicidade e que essa passa a constituir o sujeito nomeado/apelidado no lugar social que ocupa. Nesta ótica, é possível visualizar quais discursos estão presentes e abordar os efeitos de sentido que essa mudança de espaço produz. Constatamos que as designações não têm os mesmos referentes, e nem os mesmos sentidos. E a contribuição dos relatos e da história de cada apelido na Análise de Discurso é justamente esse conhecimento exterior à língua e ao modo como ele se inscreve no discurso, o que possibilita ao analista compreender como os sentidos são produzidos no/pelo discurso.

Palavras-Chave: Análise de discurso, sentidos, identidade; apelidos.

Abstract

In the speech we observe the relation of the language with the ideology and how occurs the production of the senses in the subjects. The act of assigning nicknames determines and is determined by the subject-position assumed in the discursive formation. This research had as objective to analyze the displacement and how the subjects named by nicknames are constituted, in a soccer team of the South zone of Porto Velho / RO. As a questionnaire applied to the origin of his nicknames, we sought theoretical and methodological support in French Speech Analysis (Pêcheux, 1969 and 2008) and Guimarães' (2003 and 2005) studies on enunciation, event and designation . From this, we have seen that the nouns that the subject assumes during his life have a historicity and that this becomes the subject named / dubbed in the social place that occupies. From this perspective, it is possible to visualize which discourses are present and to address the effects of meaning that this change of space produces. We find that the designations do not have the same referents, nor the same senses. And the contribution of the stories and the history of each nickname in Discourse Analysis is precisely this knowledge outside the language and how it is inscribed in the discourse, which enables the analyst to understand how the senses are produced in / through discours.

Keywords: Discourse analysis, directions, identity; nicknames.

Introdução

Na Análise de Discurso, procuramos compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, advindo do homem e da sua história. Essa análise concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

A ideologia, segundo Orlandi, é materializada no discurso que por sua vez é materializado na língua nas distintas instituições presentes e como “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2005, p. 17).

Portanto, a questão dos apelidos é semelhante. Esses são atribuídos nas diferentes instituições das quais o sujeito faz parte (familiar, escolar, profissional e religiosa) e, muitas vezes, o mesmo sujeito pode ter um apelido diferente em cada uma delas. Os apelidos podem ser originados de diferentes formas (abreviação do nome, ressaltando algum traço físico, ou marcando a origem desse sujeito, por exemplo) e podem assumir tanto um caráter pejorativo quanto carinhoso.

A designação dos apelidos no grupo de amigos de infância traz a reflexão sobre a constituição dos seus sentidos. Sentidos que se apresentam pelas relações estabelecidas com outras palavras e a partir das formações ideológicas em que se inscrevem ou são posicionados pelo exterior.

Para dar conta das hipóteses postuladas, neste trabalho, tivemos como objetivo:

- a) compreender o processo de constituição de sujeitos e sentidos do discurso;
- b) identificar os processos discursivos de constituição da posição sujeito do discurso;
- c) identificar quais relações de poder estabelecidas pela posição sujeito pelo apelido;

A presente pesquisa pretende mostrar que o apelido não só deprecia, mas que também pode ser determinante para que o sujeito assumira uma posição de poder no discurso e na sociedade.

Pêcheux (1993) afirma que o lugar do sujeito é preenchido por aquilo que o autor designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma determinada Formação Discursiva. Assim, é pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada formação, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito. Podemos observar, na constituição dos apelidos, qual Formação Discursiva está presente e que posições o sujeito toma em cada espaço enunciativo.

A metodologia parte da leitura do questionário realizado com um time de futebol formado por grupo de amigos de infância do bairro Caladinho em Porto Velho/RO, compondo a materialidade linguística de análise. Este recorte do *corpus* é formado, então, pelos discursos dos sujeitos, sendo que o nosso objeto de análise é a formação discursiva nos apelidos e nas explicações de cada jogador que nega/afirma a veracidade da origem de seu apelido e, ao mesmo tempo, materializa as relações de poder constituídas na realidade social.

Enunciação, sentido e o sujeito na Análise de Discurso

Pêcheux (2008) alicerçou a Análise de Discurso (AD) com base em três regiões do saber: o materialismo histórico, enquanto teoria das formações sociais e suas transformações; a linguística, enquanto teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Essas três regiões, ainda de acordo com Pêcheux, são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

A proposta teórica da análise de discurso materialista permite que esse modelo epistemológico seja seguido, uma vez que regularidades discursivas podem ser observadas através da análise de detalhes. O sujeito do inconsciente deixa, no discurso, marcas que o localizam em determinado interdiscurso e cabe ao analista encontrá-las.

Por enunciação, Guimarães entende um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua e coloca a questão do sujeito que enuncia e, assim, a “questão do sujeito na linguagem, em um dado espaço, espaço em que seja possível considerar a constituição histórica do sentido, de modo que a semântica se formule, claramente, como uma disciplina do campo das ciências humanas, fora de suas relações com a lógica ou a gramática pensada ou como o matematizável ou uma estrutura biologicamente determinada” (GUIMARÃES, 2003, p. 08).

O tratamento enunciativo, segundo Guimarães (2003), está na centralidade do sujeito da enunciação, ou seja, o sujeito tem controle do dizer, capacidade de apropriar-se da língua e fazer significar. Para Guimarães, a questão é como tratar a enunciação como funcionamento da língua sem remeter isto a um locutor, a uma centralidade do sujeito.

O enunciado se caracteriza como elemento de uma prática social e que inclui, na sua definição, “uma relação com o sujeito, mas especificamente como as posições do sujeito, e

seu sentido se configuram de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor e do assunto de que se fala” (GUIMARÃES, 2005, p. 73).

Com relação ao enunciado, devemos levar em consideração a sua formação ideológica. Percebemos que a ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. O acontecimento, edificado por Guimarães, tal como a AD de orientação francesa, propõe uma abordagem do sentido em uma perspectiva que não toma a linguagem como transparente, considerando que sua relação com o real é histórica.

Percebemos que o acontecimento instala sua própria temporalidade a temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, ocorre o que Guimarães aponta como um passado que é lembrança ou rememoração de enunciações por ele recortada, que “é reescriturada pelos interlocutores como parte de uma nova temporalização - o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem não há enunciação” (GUIMARÃES, 2003, p. 12).

Logo, devemos observar que a designação e nomeação é uma relação entre enunciações e acontecimentos de linguagem. Num acontecimento em que certo nome funciona, a nomeação é recortada como memorável por temporalidade específica. É, portanto, algo histórico e linguístico. A enunciação significa a partir do acontecimento, ou seja, a língua funciona e assim constitui sentido.

Nossa hipótese é a de que o apelido determina o sentido de nome do jogador, na cena enunciativa a qual o apelido (pejorativo ou não) move efeito de sentido atravessado pelo interdiscurso, memória de sentidos agregados ao discurso dos apelidos no bairro, espaço enunciativo que ocorre a subjetivação dos sujeitos os quais são reutilizados no campo de futebol, outro espaço enunciativo.

Partindo desta reflexão, buscaremos compreender o processo de constituição do sujeito dentro de uma sociedade de produção do discurso.

Segundo Foucault (2006), em uma sociedade como a nossa, é certo que existem procedimentos de controle de discurso. Explica que agenciamos enunciados pelo interdiscurso, como mecanismo estratégico para particularizar sujeitos, subjetivando-os.

Orlandi (2005, p. 96) diz que a conjunção língua/história só pode se dar pelo funcionamento da ideologia. Só assim compreendemos melhor como se constituem os sentidos, colocando-se na base da análise a forma material: acontecimento do significante em

um sujeito afetado pelo real da história. “Acontecimento que se realiza na/pela eficácia da ideologia”.

Orlandi (2005, p.34), diz que a leitura discursiva,

Consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. Isso porque (...) só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras.

Como presenciamos na designação por apelidos, o sujeito nem sempre tem acesso e desconhece a significação do dito.

A Análise do Discurso de linha francesa trabalha a busca pelos processos de produção dos sentidos e suas determinações histórico-sociais, utilizando conceitos exteriores aos da Linguística imanente. No que tange às filiações teóricas, realiza a articulação entre três regiões do conhecimento científico:

- o Materialismo Histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
 - a Linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
 - a Teoria do Discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos;
- É realizada uma confluência desses domínios disciplinares, concomitante a contribuição da Psicanálise, responsável por deslocar a noção de homem para a noção de sujeito (PÊCHEUX e FUCHS, 1993, p. 163).

Para Pêcheux e Fuchs (1993), as três regiões do conhecimento que compõem a Análise de Discurso devem ser atravessadas por uma concepção de sujeito oriunda da Psicanálise, ciência que encontra no inconsciente o fator determinante da subjetividade. A caracterização do sujeito como unificado, consciente, cartesiano, dono de si é desmistificada na ótica psicanalítica, a partir da qual Michel Pêcheux especifica sua noção de sujeito.

O sujeito da Análise do Discurso não se confunde, desde os primórdios dessa linha teórica, com o sujeito individual. Ele é desde já, um “sujeito social”, pois Pêcheux (1993a) não o concebe empiricamente, mas como um lugar determinado na estrutura de uma formação social (p. 82). Nessa linha argumentativa, não funcionam na situação de interlocução “os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão, mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso”. “Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa” (ORLANDI, 1994, p. 56).

A forma-sujeito “é a forma pela qual o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui”. É responsável pela ilusão da unidade do sujeito e também é designada “sujeito do saber, sujeito universal ou sujeito histórico de uma determinada formação discursiva” (LEANDRO FERREIRA, 2001, p. 15).

Para Orlandi (2005, p. 39) também é importante ressaltar o lugar do qual o sujeito fala, pois, segundo ela:

o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. (...) Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que fazem valer na ‘comunicação’. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno.

Após explanação feita, podemos afirmar que o termo sujeito para Pêcheux (2008), não designa um indivíduo plenamente consciente, um falante/ouvinte ideal, ou alguém sem história. Ao contrário, o sujeito é social, histórico, heterogêneo, contraditório e dotado de inconsciente. É ideológico, o que implica dizer que a relação com suas condições de existência é mediada pela ideologia (ORLANDI, 1994, p. 55). Portanto, afirmar que o sujeito é sempre já determinado por mecanismos exteriores não significa negar a sua liberdade.

Designação, apelido e ideologia

Segundo Guimarães (2003), a designação funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte, ou seja, é a significação de um nome enquanto sua relação com os outros sujeitos e com o mundo recortado historicamente pelo nome desses sujeitos.

Quando entendemos o processo de designação, pelo viés de que não é algo abstrato e sim, linguístico e histórico, conseguimos compreender a constituição do sujeito e os sentidos produzidos no discurso da designação proferida. “Dar nome a algo é dar-lhe existência histórica” (GUIMARÃES, 2003, p. 54), pois todos que fazem parte do processo de designação, tanto quem designa quanto quem é designado traz alguma historicidade.

Para o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, o termo apelido denota uma designação especial a alguém ou a alguma coisa, embora em uma formulação transitiva direta e indireta possa ter o sentido de convite ou convocação. Apelidar possui, deste modo, a acepção de designação, denominação, cognominação, bem como de convocar ou convidar. Do

mesmo modo, ainda segundo o Aurélio, o termo apelidar tem o significado de pôr alcunha ou apelido em alguém.

O processo de nomeação ou designação de pessoas “é uma prática social e está vinculado a instituições como a Família, a Igreja e a Escola, por exemplo, funcionam sob a ideologia dominante e é materialmente determinado pelas condições históricas” (GUIMARÃES, 2003, p. 14). Compreendemos então que faz parte de um processo comum e compõe algo que age sob o indivíduo e configura a constituição do sujeito.

Mas não é apenas nesse processo de nomeação que o sujeito está submetido a uma ideologia. Antes mesmo de nascer, somos interpelados pela ideologia e à língua com suas significações na história.

Quando uma criança nasce, ela já está inscrita num meio social com práticas e língua(s) próprias. Esse sujeito (criança) será interpelado pela língua e seguirá as práticas já estabelecidas no seu grupo social. Essa língua será a sua língua materna. Contudo, uma das formas de submissão à língua pela qual o sujeito passa é durante a escolha do seu nome.

Dessa maneira, quando os pais optam pelo nome do filho, eles têm ilusão de que escolhem um nome transparente, livre de interpretações, entretanto, todos os nomes têm uma historicidade e produzem diferentes efeitos de sentido que nem sempre foram os desejados pelos pais, o que também ocorre com os apelidos.

Analisa-se o funcionamento dos apelidos e sua relação com as posições-sujeito do discurso e a construção e reprodução de enunciados depreciativos que podem causar sérios problemas sociais ao indivíduo.

Entretanto, é preciso observar que nem todo apelido humilha ou coloca o sujeito em uma posição de subjugado, mas que também pode conferir uma posição de poder ao apelidado. O apelido possui uma materialidade significante que constitui o sujeito e determina suas posições e relações de poder.

O sujeito vai sendo (re) significado, ocupando diferentes lugares sociais, afetados por diferentes relações de poder que são constitutivos de seu discurso. Pêcheux (1969), ao falar sobre o esquema proposto por Jakobson, fala dos elementos A e B que, na teoria da informação, transmitiriam uma mensagem, mas que Pêcheux diz não se tratar de uma transmissão de informação, mas “de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1969, p.82). A partir disso, fala que A e B designariam “lugares” na estrutura de uma formação social.

Entretanto, a hipótese do autor é de que os lugares sociais ocupados pelos interlocutores estão representados, mas sob efeito imaginário. Desse modo, “se assim ocorrem”, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras que estabelecem as relações entre as situações e as posições.

Apelido como identificação do sujeito

Formação Discursiva (FD) é um conceito muito importante para a Análise de Discurso, pois, segundo Orlandi (2005), é a FD quem determina o que pode e deve ser dito pelo sujeito. As formações discursivas são manifestações, no discurso, de determinada formação ideológica, que, por sua vez, é constituída pelas posições sociais e ideológicas. Desse modo, segundo Orlandi (2005), as palavras recebem os sentidos das formações discursivas e esses sempre são determinados ideologicamente.

Pêcheux (1975) afirma que o lugar do sujeito é preenchido por aquilo que o autor designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma determinada FD. Assim, é pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito. Pêcheux (1975, p 167) diz também que “a forma-sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência””. Partindo disso, é possível dizer que a forma-sujeito assimila/esquece os elementos do interdiscurso criando o efeito de unicidade do sujeito.

Desse modo, quando pensamos no sujeito que recebe um apelido, é por meio da forma-sujeito que ele tem acesso, mesmo que de modo inconsciente, ao interdiscurso, onde circulam todos os discursos acerca de acontecimentos, características, discursos produzidos por outros personagens, ele recorta e apreende o que mais lhe interessa dentro destes já-ditos, identificando-se com a FD que lhe foi imposta pelo grupo, trazendo os enunciados pertencentes a esses saberes para o intradiscurso, materializando-os no discurso. Então, é possível pensar o uso de apelidos como efeito de nome próprio, ou seja, como ilusão de unicidade (de identificação do sujeito entre outros).

Alguns apelidos surgem de histórias, vivências do sujeito lembradas e até mesmo repassadas para outras gerações, ganhando diferentes posições e sentidos.

Segundo Guimarães (2003), o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de “uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação” (GUIMARÃES, 2003, p. 12).

O sujeito é apelidado com ajuda do outro, exteriormente é designado pelo discurso observado e interpretado pelo outro, com a ajuda das suas características e suas histórias que acaba tendo essa ilusão de que é determinante para a origem do dizer.

Pêcheux (2008) chama essa ilusão de esquecimento número 1, “que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2008, p. 161-162), ou seja, é este esquecimento que dá a impressão ao sujeito de que ele está na origem do dizer e não retomando sentidos pré-existentes.

O esquecimento número 2, segundo o autor, é da ordem da enunciação, e é o responsável por dizermos de uma forma e não de outra, é o esquecimento pelo qual “todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase”, ou seja, “está no campo daquilo que poderia [ser reformulado] na formação discursiva considerada”. (PÊCHEUX, 2008, p. 161).

Observando como os sujeitos se inscrevem em uma formação discursiva e ideológica, por nós interpretada como algo social de um grupo de amizade, produz efeitos de sentidos, em condições determinadas, no caso do resgate dos apelidos e das relações de poder e saber que se estabelecem nesta cena enunciativa não só da rua, mas de outra cena do “campo de futebol durante o jogo” em que o falante diz de uma posição de sujeito, predominantemente agenciado por dizeres outros.

Apelidos dos jogadores

Após algumas considerações sobre o sujeito, formações ideológicas e formações discursivas, que colocam em funcionamento o interdiscurso, a enunciação e o acontecimento, compuseram assim, o referencial pelo qual analisamos algumas sequências discursivas que constituem os relatos dos jogadores do time os quais receberam apelidos ao longo de suas

vidas, resgatadas em diferentes ambientes, como no espaço “campo de futebol”, afetados por distintas relações.

O time de futebol do campo 1º de Maio, na zona Sul de Porto Velho, é composto por onze integrantes com faixa etária entre 28 e 40 anos de idade que responderam o questionário sobre a origem de seus apelidos e, alguns deles até se identificam com os alcunhas, como os jogadores Boneco, Perna e Pira que utilizam seus apelidos grafados em suas camisas de jogo.

Podemos observar que a escolha da designação é feita de forma diversa. Alguns elegem as características físicas, outros são comparados a animais, à sexualidade, personagens de desenho e filmes, personalidade da mídia e demarcação geográfica. Os mais encontrados foram apelidos associados às características físicas e histórias vivenciadas pelos sujeitos. Ou seja, estes apelidos emergem em dado momento, em dada circunstância, que nos remete a um passado e uma futuridade, funcionando a partir de uma historicidade, movimento que dá sentido as designações. “Neste sentido as expressões linguísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam” (GUIMARÃES, 2003, p. 05), considerando ainda que sua relação com o real é histórica.

A seguir, síntese dos apelidos e origens explicadas pelos próprios jogadores nos questionários, utilizados para análise:

Figura 1: Quadro síntese dos apelidos e origens

DESIGNAÇÃO/APELIDOS DOS JOGADORES			
JOGADOR	APELIDO	DESIGNAÇÃO HISTÓRICA	DESIGNAÇÃO FÍSICA
J-1	PERNA SANTA	Quebrou as pernas e voltou a andar.	
J-2	PEZINHO	Teve o pé cortado em acidente de trabalho.	

J-3	<i>PIRA</i>	Na infância teve problemas com micoses.	
J-4	<i>PEIXEIRO</i>	Seu pai trabalhava vendendo peixe.	
J-5	<i>HAILANDER</i>	Cabelo semelhante ao do personagem e tentou suicídio com uma corda.	
J-6	<i>PELADO</i>	Quando garoto, só andava na rua pelado.	
J-7	<i>LOBO</i>		Corpo peludo como um lobo.
J-8	<i>BONECO</i>		Rosto semelhante ao do personagem de um filme.
J-9	<i>INDIÃO</i>		Possui características indígenas.
J-10	<i>MUSCULOSO</i>		Ironia ao seu porte físico, magro e aparentemente fraco.
J-11	<i>CHARLES TIÚ</i>		Redução da designação “Charles Pitiú ” em razão do mau cheiro do suor exalado em seu corpo, quando criança.

Fonte: elaboração própria

Construção de sentidos nos apelidos

As designações que tomam como referência os animais como J-7 *Lobo*, são da ordem dos animais, mas também e, sobretudo, da característica física, isto é, o indivíduo peludo, forte, comparação que denota a posição de poder na cena enunciativa “campo de futebol”. O J-10 *Musculoso* foi designado ironicamente por sua estrutura física magra e fraca. O adjetivo “musculoso” pode ter interpretação dúbia, vez que o adjetivo, na maioria das vezes, é utilizado para caracterizar pessoas com estrutura muscular avantajada. Neste caso, para que se tenha o entendimento do significado induzido pela voz do outro que nomeia, é necessária a presença física do sujeito.

O J-5 *Hailander* e J-8 *Boneco* são designados por apelidos de personagens de ficção. No caso de *Highlander*¹, personagem imortal de um seriado que possui o cabelo comprido semelhante a do J-5, que relata a brincadeira com o imortal, advém de um episódio que marcou sua vida quando tentou suicídio por enforcamento. Enquanto o J-8 *Boneco* foi

¹ *Highlander* foi uma série de TV norte-americana em 1998, protagonizado por Christopher Lambert e Sean Connery que personificava Duncan MacLead, um imortal que vive nos tempos atuais, mesclando-se entre a sociedade e enfrentando os outros imortais.

designado pelo rosto comparado, quando criança, ao do personagem Chucky² do filme, o Brinquedo Assassino.

A língua, para Guimarães (2003, p. 18), interessa enquanto espaço político, ou seja, enquanto um espaço regulado e de disputas. Os falantes, por sua vez, não seriam aqueles dotados da capacidade físico-fisiológica ou psíquica de falar, mas, sim, aqueles determinados pelas línguas que falam. São sujeitos da língua, constituídos pelo que Guimarães chama de espaço de enunciação, ou seja, onde os falantes são sujeitos afetados pelo simbólico que se localizam em um espaço e em um tempo.

No entendimento de Guimarães (2005), o sujeito é afetado pelo evento enunciativo e é tomado nele para representar uma posição instalada em uma região de interdiscurso. O sujeito não é responsável pela enunciação, como ocorre com os sujeitos designados pelo outro.

Ocorrem ainda, designações por uma demarcação geográfica que apresentam também em sua subjetividade um elemento da constituição da cidadania do sujeito, de sua origem, como é o caso de *Gaúcho*, que são reconhecidos por sua pele e olhos, geralmente claros, sotaque oriundo do gaúcho bravo; *Baiano*, cor de pele e olhos, negros e um sotaque rasteiro. O J-9 *Indiã* representa uma etnia, pois suas características são semelhantes à indígena. Todas essas marcas também funcionam como adjetivo de regionalização.

A designação do J-9 “*Indiã*” reforça o olhar do outro que apelida para o corpo, para o físico, do apelidado, mas que, ao mesmo tempo, retoma o sentido de um pertencimento a uma cultura indígena da qual não necessariamente o sujeito pensa fazer parte.

Apesar desse processo de nomeação por apelidos ser naturalizado em nossa sociedade, ele implica em mudanças na posição sujeito do apelidado, pois agora, o seu corpo estará em evidência e não é mais necessária a presença física do sujeito para que ele seja significado, mas apenas a voz de outro que o designe dessa forma. Ou seja, uma série de discursos sobre o ser índio já são postos em circulação, mesmo que o sujeito apelidado não se reconheça como tal.

No caso do sujeito J-1 *Perna Santa*, foi atropelado quando criança e teve comprometida a estrutura óssea de suas pernas. Recuperou-se, mesmo sendo diagnosticado pelos médicos que não voltaria a andar. A história de sua perna tornou-se sua referência. J-2

² Chucky, o Brinquedo Assassino O filme foi lançado, nos Estados Unidos, em 1988. O filme trata da história de um boneco que ganha vida após um ritual vodu feito por um serial killer procurado pela polícia, e se torna um assassino.

Pezinho teve parte do pé direito cortado em acidente de trabalho numa draga. Relata que já se acostumou a ser chamado assim, embora tenha outros apelidos, mas sempre relacionados com seu pé. Cita outra designação: *pé torado*, que não lhe incomoda, vez que se acostumou com a situação, devido ao excesso de brincadeiras em seu convívio.

Refletindo desse modo, como o sujeito que “é atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo imaginário” de forma que ele “só tem acesso a parte do que diz. (...). Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas” (ORLANDI, 2005, p. 49).

Os jogadores J-3 *Pira* e J-6 *Pelado* tiveram episódios momentâneos de suas vidas marcados pelos colegas. Mesmo J-3 *Pira* não tendo mais problemas com micoses e nem J-6 *Pelado* não mais andando pelado pela rua, ainda, assim, são referenciados até hoje pelos sentidos construídos no passado.

Os sentidos ou significados na formação discursiva do passado por um sujeito pode ser até repassado para outro sujeito por sua ligação familiar, ou seja, o apelido pode ser passado para um filho, neto ou irmão, como ocorre com o J-4 *Peixeiro*, seu pai trabalhou durante um período vendendo peixe e todos o chamavam de Peixeiro, logo o sujeito J-4 herdou os sentidos construídos pela profissão do pai, sendo designado como “filho do peixeiro” e depois somente “Peixeiro”.

O sujeito, de acordo com Pêcheux (2008) também é constituído pela posição que ele ocupa ao enunciar. Essa posição, esse lugar no discurso não lhe é acessível, visto que ele não tem acesso à memória discursiva que o constitui. Um mesmo sujeito pode ocupar diferentes posições discursivas dependendo das circunstâncias da enunciação. A memória discursiva também se inclui, pois ela estabelece a relação entre aquilo que já foi dito anteriormente e que afeta o modo como o sujeito significa no ato da enunciação. Como ocorre no caso do sujeito J-4 *Peixeiro*, um já-dito sempre sustenta a possibilidade do dizer e é fundamental para que possamos compreender o funcionamento do discurso e a sua relação com os sujeitos e a ideologia.

Para Pêcheux (2008), os sentidos se constituem de acordo com as posições ocupadas pelo sujeito do discurso, determinadas pelas condições históricas e ideológicas. Desta forma, o sentido não é dado a partir da compreensão de significados isolados, contidos em palavras ou expressões. Os sentidos possíveis são constituídos pelas formações discursivas, “nas

relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva” (PÊCHEUX, 2008, p. 161).

O jogador J-11 *Charles Tiú* foi caracterizado pelo mau cheiro, a designação “Tiú” veio da redução da palavra Pitiú³ caracterizada como gíria amazonense usada com o sentido de “fedor”, “mau cheiro”, o sujeito é atravessado pelo viés cultural da origem e significado de uma palavra que é contextualizada com a formação discursiva construída pelos colegas.

Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciador, não é por que ele não aceite ou não entenda que não exista. Ele se apresenta como “séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso” (ORLANDI, 2005, p. 89).

Observamos nos primeiros contatos em campo que o sujeito aceita o discurso, pois, são assumidos pelos portadores como quase nomes próprios e são utilizados em diferentes posições da vida social, muitas vezes os jogadores se auto-referem pela própria alcunha ou não respondem, em algumas situações, quando são chamados pelo nome jurídico, comprovando tal aceitação desse domínio da memória.

Considerações Finais

Os processos designativos de nome próprio de pessoa estão naturalizados na sociedade e, por isso, são importantes estudos que mostrem que os nomes/apelidos trazem uma historicidade que produz sentidos no sujeito nomeado.

Devemos considerar que o apelido, entre outros aspectos, pode ser constituído historicamente na relação do sujeito com a língua, com o ambiente no qual está inserido e o grau de conhecimento dos sujeitos que os nomeiam por característica física, personalidades, personagens de ficção e animais.

Desse modo, é pelo funcionamento da língua, na enunciação, enquanto acontecimento de linguagem que podemos observar os sentidos das designações apelidos dos jogadores do time do Campo 1º de maio, na zona Sul de Porto Velho/RO.

Nessa perspectiva, traçamos o percurso de nosso trabalho, buscando interpretar a designação dos apelidos em um espaço enunciativo específico “o campo de futebol” e as

³ De acordo com o Michaelis Moderno Dicionário Da Língua Portuguesa, o significado da palavra: Pi.ti.ú -sm (tupi pytiú) 1.Cheiro peculiar do peixe na salga. 2.Cheiro de bacalhau. 3.Mau cheiro. Típica gíria paraense.

cenar enunciativas “histórias de infância vividas pelos jogadores” que constituem os sentidos do discurso.

Nesse estudo, foi possível analisar que a interpelação ideológica atravessada nos jogadores, coloca em funcionamento o discurso de aceitação dos apelidos pelos sujeitos que os reutilizam em outros espaços quase como nomes próprios. A prática de apelidar é tomada como um acontecimento temporalizado pelo próprio acontecimento, isto é, o acontecimento que recorta um memorável levando em consideração as condições de produção. E que a construção dos sentidos dos apelidos interferem nas posições e relações de poder do sujeito, ou seja, acaba constituindo de certa forma sua identidade.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves - 6 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1969.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2ª edição Campinas: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Designação e espaço de enunciação**: um encontro político no cotidiano, 06/2003, Letras (UFSM), Vol. 1, Fac. 26, pp.53-62, Santa Maria, RS, BRASIL, 2003.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

MENSATO, Joice. **Meu nome agora é zé pequeno: apelidos e posições-sujeito**. Dissertação de Mestrado (Instituto de Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas– São Paulo, 2012.

MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259p.

MITTMANN, Solange. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Ed. 6°. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Ed Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto, Brasília, n. 61, p. 52-9, jan./mar., ano 14, 1994.

ORLANDI, Eni P. **A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EMANÁLISE DE DISCURSO, 1., 2003, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. 18 f. Disponível em: <http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/conf_04/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 23 de junho de 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Ed Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução. De Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Traduzido por Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1969. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)**. Trad. Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1993, p. 163-252